

# ANTÓNIO SÉRGIO NA INTIMIDADE:

## EPISTOGRAFIA ÍNTIMA – ANÁLISE DE UM ACERVO ÍNTIMO

MARIA MANUELA DE ALMEIDA PINTO DE SOUSA\*

**Resumo:** Este artigo tem por base a análise da correspondência trocada entre António Sérgio de Sousa e Luísa Estefânia, sua futura mulher, entre outubro de 1902 e abril de 1910, ano em que formalizaram o seu casamento. Através dela conseguimos compreender os diversos fatores que contribuíram para a formação da sua personalidade e posterior percurso de vida. Nela, António Sérgio, faz referência à importância da família, ao magma sociocultural que experienciou durante os seus primeiros anos de vida e que terá sido fundamental na formação da sua personalidade, às leituras que fez e aos pensadores que leu. Todos eles terão sido preponderantes para que abandonasse a escolha da carreira inicialmente iniciada, por influência familiar, e se dedicasse, inicialmente, à poesia e, posteriormente, à escrita de ensaios, tornando-se numa figura incontornável no panorama cultural português do início do século passado.

**Palavras-chave:** Correspondência; genótipo; fenótipo; carreira.

**Abstract:** This article is based on the analysis of the correspondence between António Sérgio de Sousa and Luísa Estefânia, his future wife, between October 1902 and April 1910, the year in which they formally wed. Through it we can understand the various factors that contributed towards the development of his personality and subsequent path in life. In it, Antonio Sergio, makes reference to the importance of family, the sociocultural magma that he experienced during his early years of life and which were probably fundamental in shaping his personality, the readings he made and the thinkers he read. They all played an essential role towards abandoning his first family influenced career choice and dedicating himself, initially, to poetry and later on to writing essays and becoming, at the turn of the past century, an undeniable figure in the Portuguese cultural scene.

**Keywords:** Correspondence; genotype; phenotype; career.

*Acabava o primeiro ano da Escola Naval com uma grande desilusão. Percebi que a minha carreira me não poderia dar nada do que esperara dela. Era uma vida completamente cortada. Atraíam-me a arte e a especulação, que via completamente incompatíveis com a vida marítima<sup>1</sup>.*

António Sérgio de Sousa

A compilação da correspondência trocada entre o jovem António Sérgio de Sousa e Luísa Estefânia Gerschey da Silva<sup>2</sup>, publicada na *Revista História das Ideias*, em 1983, ano em que se comemorou o centenário do seu nascimento, constitui um prestimoso testemunho para percebermos em que medida o seu ambiente familiar e o seu núcleo de amigos foram essenciais, não só no seu percurso de vida, mas também, na génese do seu pensa-

---

\* Doutoranda de Estudos Literários, Culturais e Interartísticos, Especialidade: Cultura Portuguesa, FLUP. Email: mmaps3@gmail.com

<sup>1</sup> FRANCO, 1983: 815.

<sup>2</sup> Referência a Luísa Estefânia Gerschey da Silva (1879-1960), natural de Lisboa (freguesia de S. José), a destinatária destas cartas e com quem o pensador se casaria, a 4 de junho de 1910, ela com 30 anos e ele com 26. Era filha de Manuel José da Silva, reputado comerciante lisboeta, de ascendência nobre, e de Estefânia Gerschey, de ascendência húngara. O avô paterno de Luísa Estefânia terá chegado a Portugal em 1836, fazendo parte da comitiva de D. Fernando II. Até ao seu casamento com António Sérgio viveu com a família, também em Lisboa, na Rua António Maria Cardoso, n.ºs 22-24. Cf. FRANCO, 1983: 788-789.

mento. Cerca de duas centenas de cartas que, inicialmente, começam por testemunhar o respeito e amizade que os unia, mas que rapidamente se transformaram em admiração e amor, foram extremosamente guardadas durante os quase cinquenta anos de casamento, bruscamente interrompido pela morte de Luísa, em 1960. Através da leitura desta correspondência, cronologicamente balizada entre outubro de 1902<sup>3</sup> (tinha António Sérgio 19 anos) e abril de 1910, podemos acompanhar a evolução da amizade e posterior namoro, avanços e recuos, amuos e reatamentos, que culminaria em casamento, no dia 4 de junho de 1910, na capela do palácio da Nunciatura Apostólica, em Lisboa<sup>4</sup>.

Após a sua morte, e sem descendência direta que se ocupasse do estudo e conservação do seu espólio, esta correspondência foi sendo mantida sem qualquer cuidado ou intenção arquivística. Só muito mais tarde seria descoberta, quando um dos familiares, ainda criança, se entretinha a brincar com uns papéis velhos e aparentemente sem préstimo, não fosse a curiosidade de uma sobrinha-neta se ter questionado sobre a proveniência da mesma, esta teria, certamente, desaparecido.



**Ilustração 1** – Luísa Estefânia [s.d.]<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> A primeira carta reproduzida data supostamente de 18-10-1902, uma vez que parte da data estaria ilegível [nota da autora do artigo]. Cf. FRANCO, 183: 791.

<sup>4</sup> Foram testemunhas desta união, por parte da noiva – Manuel José da Silva, seu pai, e Sophia Magdalena Gerschey, sua tia materna; por parte do noivo – a sua progenitora, Anna Sérgio de Sousa e o seu cunhado António Alemão de Cisneiros de Faria (segundo tenente da Armada Real e casado com a sua irmã Matilde). Cf. *Registos Paroquiais Portugueses*, S. Mamede, 1747-1911, n.º 32, fls 25-26.

<sup>5</sup> Cf. FRANCO, 1983: 791-806.



**Ilustração 2** – António Sérgio de Sousa, 2.º tenente da Armada.

*Arquivo Histórico-Marítimo, Álbum de fotografias de Oficiais, n.º 6, p. 28, fotografia n.º 934, [s.d.]*

Apesar de, numa primeira abordagem, podermos caracterizar este acervo íntimo como um conjunto de vulgares cartas de namoro, com um carácter meramente biográfico, como testemunhas do amor, admiração e respeito que os unia, a importância do seu universo familiar e as amizades que cultivava, elas vão muito para além da simples curiosidade. Constituem, de facto, informação preciosa para podermos compreender a sua época, o espaço físico em que se movimentava, a importância do espiritualismo na vida do jovem guarda-marinha, os pensadores e escritores que mais admirava e que ajudaram a construir a sua personalidade, as leituras que fazia e que marcariam de forma indelével as suas opções de vida.

A compilação desta correspondência permite-nos, igualmente, delinear os seus principais traços de carácter e compreender a importância que a influência familiar – tanto o seu genótipo como o seu fenótipo – tiveram na vida do jovem marinheiro. Ao longo destas missivas, faz inúmeras referências aos seus progenitores e ao legado que reconhece ter herdado, único e distinto: pelo lado paterno, o gosto pelo sossego, pela serenidade e pelo despojamento dos bens materiais<sup>6</sup> e do lado materno, a lucidez, o gosto pelas ideias claras, a susceptibilidade e a sensibilidade artística<sup>7</sup>. Porém, contrariamente ao seu pai,

<sup>6</sup> Cf. FRANCO, 1983: 806.

<sup>7</sup> Cf. FRANCO, 1983: 807.

que caracteriza como tendo sido um homem essencialmente de ação, considera-se um homem lúcido, de ideias claras, de pensamento; um intelectual<sup>8</sup>.

Nascido no seio de uma família defensora dos ideais liberais, por força da carreira militar do seu progenitor, nasceu e cresceu fora do espaço geográfico europeu, primeiro na Índia portuguesa, na província de Damão<sup>9</sup> e posteriormente, em África. Esta mescla sociocultural foi decisiva na construção dos seus traços de personalidade e nas traves mestras dos ideais defendidos.

Estávamos em junho de 1909. As convulsões políticas e sociais que marcariam a transição do século XIX e o início do novo século ajudariam a lapidar o futuro do jovem, já então exercendo o cargo de segundo tenente, integrado, desde 22 de março de 1907, no Corpo de Marinheiros da Armada<sup>10</sup>. Este período de mudança e de rutura, marcado pelo surgimento de novos paradigmas políticos, económicos, sociais e culturais, seria preponderante para o alicerçar do pensamento sergiano.

António Sérgio de Sousa, na altura com 25 anos, desabafava, numa carta escrita ao noitecer, depois de mais um dia de trabalho no quartel, com aquela que viria a tornar-se, um ano mais tarde, a sua companheira de vida, a quem trata carinhosamente por «Luchezinha», «Minha ursazinha», «Minha pequenina»<sup>11</sup>, o seu profundo desencanto face à profissão escolhida. Filho e neto<sup>12</sup> de altos quadros da Marinha Portuguesa, estaria predestinado a seguir o mesmo percurso, como era prática corrente naquela época. Houve, no entanto, um conjunto de fatores que contribuíram para que tal não se verificasse.

O seu desencanto relativamente à escolha do seu futuro profissional aconteceu relativamente cedo na sua vida. Desde início, no seu percurso escolar, o jovem Sérgio percebeu que as suas escolhas profissionais não passariam pela Marinha. Apesar de influenciado pelas carreiras militares, nomeadamente do seu avô paterno e do seu pai, fiéis representantes e leais servidores do seu país, nos mais recônditos territórios do império português, figuras honradas e agraciadas pelos feitos praticados, estas não seriam suficientemente fortes para que o jovem marinheiro decidisse manter o desígnio familiar.

---

<sup>8</sup> Cf. FRANCO, 1983: 807.

<sup>9</sup> António Sérgio de Sousa, que na diversa documentação consultada, nomeadamente nos assentos de baptismo e de casamento, aparece como António Sérgio de Sousa Júnior ou inclusive, como António Sérgio de Sousa Júnior Júnior, nasceu na antiga província portuguesa de Damão, em perigo de vida, às onze horas da tarde, do dia 3 de setembro de 1883. É batizado, à pressa, na igreja de Nossa Senhora da Glória de Mazagão, em Bombaim, pelo Prior da Igreja Matriz de Damão. Mais tarde, já na metrópole, é solenemente batizado (juntamente com a sua irmã Matilde (Damão, 1881-1961), que também correria risco de vida aquando do seu nascimento), a 23 de novembro, de 1885, na paróquia de Santos-o-Velho, tendo como padrinhos os seus tios paternos: Matilde Sérgio de Quintanilha (1846 – 1927), irmã do pai e o seu tio (marido da tia Pilar, outras das quatro irmãs de seu pai), Simão Paes de Faria Pereira [do Amaral e Menezes], (1838-1890). Cf. *Registos Paroquiais Portugueses*, Registo de batizados, Freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa, 1885, n.º 385.

<sup>10</sup> Cf. *Livro Mestre dos Oficiais da Armada*, cota G, fl. 72.

<sup>11</sup> Cf. FRANCO, 1983: 853, 895 e 899. Cartas n.ºs 54, 99 e 104.

<sup>12</sup> O quarto de cinco filhos (o único varão) do capitão-tenente da Armada Real António Sérgio de Sousa (Júnior) (1842-1906) e de Ana Maria Salema Henriques de Brito (1855-1948). Pelo lado da família paterna era neto de Almirante António Sérgio de Sousa (1809-1878), 1.º Visconde de Sérgio de Sousa (título criado por D. Luís I a 30-06-1877) e de Maria do Pilar da Silva Leite. Cf. RODRIGUES, 1979: 3215-3222.

O seu desencanto e solidão começam-se a manifestar aquando da mudança da escola Politécnica para a Escola Naval, escolha essa que o terá deixado duplamente atormentado. Se por um lado, esta escolha o fez separar-se do grupo de amigos que fizera no Colégio Militar, por outro, o apoio que sentira, por parte dos professores e dos restantes colegas, tanto no Colégio Militar como na Escola Politécnica desaparecera, passando a ser desdenhado pelo seu gosto pela Filosofia, pelo sossego e pela reflexão. Este afastamento precoce dos anseios familiares, levá-lo-ia a recorrentes e crescentes desavenças com o seu progenitor, encontrando no seio familiar um único elemento que, assistindo frequentemente às discussões familiares, ouviria os seus desabafos e, aparentemente, parecia compreender a sua luta interior, a sua prima Ruth<sup>13</sup>, casada com o seu primo Raimundo, e inúmeras vezes referida nesta correspondência.

É notória a importância que o seu núcleo familiar tem no dia a dia do jovem marinheiro, desde o núcleo mais restrito, constituído pela mãe e pela irmã, à referência que faz às tias, às irmãs já casadas, aos cunhados, aos primos e aos sobrinhos que, entretanto, iam nascendo<sup>14</sup>.

Mesmo depois de terminados os estudos em 1904, o seu afastamento relativamente à profissão é cada vez mais notório. Ao longo deste breve período da sua carreira na Marinha, o cumprimento das suas obrigações militares, fosse em terra ou no mar, tornar-se-iam num verdadeiro suplício para um espírito atormentado pelo gosto pela contemplação e pela introspeção.

A paz e a serenidade que tanto procurava só as encontraria, no entanto, na Quinta de Vargos<sup>15</sup>, no Caneiro, próximo de Vila Nova de Ourém, propriedade da sua tia Pilar. Aí conseguiria encontrar a paz que procurava e para onde se deslocava de comboio, sempre que as suas obrigações profissionais o permitiam. Nestas deslocações era frequentemente acompanhado pela sua mãe Ana Maria e pela sua irmã Pilar, com quem vivia, num 4.º andar, do número 55, da Rua Maria Andrade, em Lisboa<sup>16</sup> e de quem era, após a morte do seu pai, em 1906, o único sustento.

<sup>13</sup> Referência a Ruth de Noronha Waddington (1875-1914), casada com Raimundo Sérgio Sousa de Quintanilha e Mendonça (1879-1963), primo direito de António Sérgio, terceiro filho resultante do casamento de sua irmã Matilde com Raimundo José de Quintanilha e Mendonça. Ruth morre prematuramente, em 1914, resultado de complicações de parto. Cf. FRANCO, 1983: 818, carta n.º 28.

<sup>14</sup> Cf. FRANCO, 1983.

<sup>15</sup> Solar brasonado, constituindo uma «grande residência rural do século XVIII, com entrada nobre, e escadaria de bela traça para uma varanda de colunas», in SEQUEIRA, Gustavo de Matos, *Inventário Artístico de Portugal* – Distrito de Santarém, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1949, Vol. II, p. 140. Propriedade que pertencia a seu padrinho de batismo, Simão Paes de Faria Pereira [do Amaral e Menezes], Senhor das casas de Vargos, casado com a sua tia paterna Maria do Pilar Sérgio de Sousa, referida nesta correspondência como a «tia Pilar dos Vargos», viúva desde 1890. Depois da sua morte, em 1910, sem descendência, a propriedade ficou para a sua irmã mais nova e madrinha de batismo de António Sérgio, Matilde Sérgio de Sousa Quintanilha. Depois da morte desta, em 1927, a Casa de Vargos ficou para a sua filha mais nova, Matilde, e posteriormente, para a filha desta, também de nome Matilde, a atual proprietária. Cf. FRANCO, 1983: 790-a.

<sup>16</sup> Cf. FRANCO, 1983: 788.



**Ilustração 3** – Solar de Vargos – Escadaria Nobre<sup>17</sup>

Este lugar bucólico, distante do bulício da capital e, principalmente, distante da sua vida profissional, constituía o refúgio ideal do jovem marinheiro. O bucolismo do local, rodeado por densa vegetação, possibilitava ao jovem Sérgio o ambiente perfeito para as suas introspeções e leituras e era o local perfeito para acalmar o seu espírito inquieto. Sérgio encontraria ali um local edílico, onde podia experienciar alguns momentos de felicidade que passavam pela simplicidade, pela vida contemplativa e pelo despojamento<sup>18</sup>.

Era neste local onde se reunia a família, os amigos mais chegados e se faziam verdadeiras tertúlias literárias e saraus musicais. Foi numa dessas ocasiões, em 1901, que o então jovem aspirante viu pela primeira vez Luísa Estefânia e se interessou por ela. No entanto, a troca de correspondência entre os dois seria pautada, inicialmente, por algum secretismo, uma vez que António Sérgio sempre supôs que tal relacionamento não teria o aval do pai da jovem, senhor de dinheiro, nome e posição na sociedade lisboeta da época, dono da Tipografia do Anuário Comercial<sup>19</sup>, onde, mais tarde, seriam impressas as suas primeiras obras. Tanto estas, como grande parte da correspondência referida, terão tido esta quinta como cenário inspirador.

Constitui, igualmente, dado relevante, de modo a compreendermos o homem e a sua obra, as pessoas que faziam parte do seu círculo mais restrito de amigos e confidentes. Alguns destes amigos, que também se reuniam na quinta familiar, vinham do seu tempo de estudante, no Colégio Militar, e cuja amizade conseguiu manter, compartilhavam, tal como Sérgio, o seu interesse pelas letras e pela cultura. São os casos de alguns dos nomes referidos nestas cartas – Frederico Pinheiro Chagas, o *Chagas*, Vasco Lopes de Mendonça e o *França*<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> Imagem disponível na internet em <https://www.google.pt/>.

<sup>18</sup> Cf. FRANCO, 1983: 853, carta n.º 54.

<sup>19</sup> Propriedade de Manuel José da Silva (1854-1932). Pai de Luísa Estefânia, nasceu em Lisboa, era filho de um dos irmãos do 1.º Visconde e do 1.º Conde Ribeiro da Silva. Informação disponível na internet em: <http://geneall.net/pt/>.

<sup>20</sup> Frederico Pinheiro Chagas (1882-1910), filho de Manuel Pinheiro Chagas, suicidou-se aquando da proclamação da República,

Este último, José Estevam de Campos França, seu colega de curso, amigo íntimo e colega de profissão, teria um papel crucial na edição das primeiras obras de Sérgio, pois foi o principal responsável pela edição da sua primeira obra, *Rimas*<sup>21</sup>, uma colectânea de poemas que recolheu e seleccionou, custeando a edição, à revelia do autor. Alguns dos títulos e respetivos poemas incluídos nesta obra remetem-nos para a importância que o ambiente campesino vivido na quinta de família terá tido, como fonte inspiradora do seu estado de espírito e da sua escrita. Podemos destacar títulos como – «Os bois», «Alva», «Meio-dia», ou «Flor campestre» – todos eles representativos da sensibilidade com que Sérgio observava a pacatez e a serenidade da vida no campo.

Depois de publicada, envia um exemplar a Sílvio Romero que lhe responde, comentando a obra e caracterizando a sua poesia como «larga e forte, como filha de um pensamento disciplinado pela filosofia (...) a nota capital do seu poetar está na doçura, no enlevo, no quebranto (..) na meiguice, com que sente e fala das horas crepusculares, da invasão das sombras, no descer das noites sobre a terra, os mares, as matas, as cidades, os homens...»<sup>22</sup>.



**Ilustração 4** – Capa da primeira obra publicada, da autoria de António Sérgio.

grande amigo de António Sérgio, tinha sido seu colega no Colégio Militar, in *Livro Mestre*, Classe Marinha: H, fl. 18; José Estevam de Campos França (1883-1911), tenente da Armada, colega de curso e amigo íntimo de António Sérgio, in *Livro Mestre*, Classe Marinha: H, fls. 17 e 183; Vasco Lopes de Mendonça (1883-1963), formado em Engenharia Militar, amigo de Sérgio desde o tempo do Colégio Militar (Cf. FRANCO, p. 790-b).

<sup>21</sup> Primeira obra da autoria de António Sérgio, editada em 1908, composta e impressa na Tipografia do Anuário Comercial, situada na Praça dos Restauradores, 27, Lisboa. É uma colectânea composta por quarenta e dois poemas, divididos em três grupos: o primeiro tem por subtítulo «Os navegadores», o segundo «A natureza e a ideia e o terceiro “Via dolorosa”». O exemplar a que tive acesso pertence ao espólio Pedro Veiga, colecção que faz parte do catálogo geral da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. António Sérgio tem uma bibliografia crítica extensa. Dela podemos destacar, já em 1909, *Notas sobre os «Sonetos» as «Tendências Gerais da Filosofia» de Anthero de Quental*; em 1920 inicia a publicação de *Ensaio*, tomo I, cuja publicação se estenderá até 1958 com o tomo VIII; *Confissões de um Cooperativista*, s.d.; *Introdução Atual ao Programa Cooperativista*; 1937; *Democracia*, 1938; *Educação Cívica*, em 1954; *Sobre Educação Primária e Infantil*, s.d.; etc.

<sup>22</sup> FRANCO, p. 900, carta n.º 105.

A análise deste conjunto epistográfico é ilustrativa das diversas vertentes da sua escrita, das suas leituras e dos seus interesses literários. Nela podemos encontrar os primeiros esboços das suas experiências poéticas iniciais, não só através de excertos das traduções de poemas de autores clássicos, franceses e ingleses, mas também de poemas da sua autoria, escritos em Vargos, alguns dedicados à jovem Luísa<sup>23</sup> e incluídos na sua primeira obra, referida anteriormente. É, igualmente, por esta altura, que inicia a sua participação em diversas publicações da época, não só publicando textos seus, mas também traduções, impelido não só pelo mero gosto intelectual, mas principalmente, tentando minorar as dificuldades económicas com que vivia e sobre as quais dava conhecimento à eleita do seu coração.

Dos inúmeros textos traduzidos, podemos destacar a tradução do poema «Novembro», da autoria de P. Bourget e presente na carta n.º 4, datada de 18-01-1908<sup>24</sup> e do qual apresentamos o seguinte excerto:

Novembro  
*Novembro vem; e fui num mês assim*  
*Que vendo o teu sentir no teu sorriso*  
*Julguei, sem t'ò dizer, um paraíso*  
*Junto de ti.*

*Novembro vem – Quem nos houvera dito!*  
*Não é certo que fomos bem creanças?*  
*Como é bonito um sonho d'esperanças!*  
*Como é bonito! (...)*

São várias as figuras de relevo que frequentam os saraus da Quinta, a convite da anfitriã: o Almirante Hermenegildo Capelo<sup>25</sup>; o escritor e filósofo brasileiro Sílvio Romero<sup>26</sup>; Henrique Vilhena<sup>27</sup>, professor na Escola de Belas Artes de Lisboa e Alberto de Monsaraz<sup>28</sup> (2.º Conde de Monsaraz), um dos fundadores do Integralismo Lusitano. Estes

<sup>23</sup> Luísa Estefânia foi, recorrentemente, a musa inspiradora da vertente poética de Sérgio, que no silêncio entediante das suas obrigações militares, conseguia inspiração para escrever. É um dos poemas presentes numa das cartas que passo a citar: «Contemplando o fulgôr da pura Idea/Tu'alma entoará soberbos hinos/À beleza imortal que a senhorea!». Cf. FRANCO, 1983: 818, carta n.º 29.

<sup>24</sup> Cf. FRANCO, 1983: 792.

<sup>25</sup> Hermenegildo Carlos de Brito Capelo (1841-1917), conta-almirante, grande amigo do pai de António Sérgio, in *Livro Mestre Classe Marinha*: A, p.132.

<sup>26</sup> Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (1851-1914), escritor, crítico literário, filósofo e político brasileiro, formado em Direito, foi professor na Universidade do Rio de Janeiro, e foi deputado durante a primeira Câmara da República, entre 1889 e 1902. Integrou o movimento denominado «Escola do Recife», que divulgou, na cultura brasileira, o materialismo evolucionista, em voga, na Alemanha. Cf. VAZ, H. de Lima – Leitura, Cf. CHORÃO (Dir.), (s.d.): 894.

<sup>27</sup> Henrique Jardim de Vilhena (1879-1958), professor universitário, anatomista e publicista. Formado em Medicina, pela Escola Médico Cirúrgica, onde concluiu o curso em 1904. Foi professor interino de Anatomia Artística na Escola de Belas-Artes, de Lisboa. Em 1911 entra como professor de Anatomia para a escola onde se formara e que é nesse mesmo ano elevada a Faculdade de Medicina. Cria o Instituto de Anatomia dessa mesma Faculdade. Foi, também, um profícuo escritor, tendo-se destacado em diferentes áreas: na ficção, no ensaio, na crítica literária, na pedagogia e na estética; sobretudo na aplicação da anatomia à literatura e às Belas-Artes. Cf. OLIVEIRA; CHORÃO, (s.d.): 598.

<sup>28</sup> Alberto de Monsaraz (1889-1959), poeta e político português, formado em Direito, pertenceu ao movimento do Integralismo



momentos de diálogo e de inspiração passados em Vargas contribuíram, certamente, para moldar e cimentar não só os seus ideais enquanto Homem, mas também, as principais linhas do seu ideário.

Jovem de vasta cultura e gosto pelo conhecimento, ressalta a partir destes escritos as suas vastíssimas áreas de interesse. Estas dividem-se por diferentes áreas do saber, que vão do seu gosto pelas letras, cultura e até mesmo pela Matemática. Lia e escrevia sobre uma multiplicidade de áreas de interesse que iam da Filosofia à História, passando pela Educação e Pedagogia, começando, já nessa época, por tentar «educar» todos aqueles que faziam parte do seu restrito núcleo de amigos. É notório o fascínio que sentia pelas diversas etapas do desenvolvimento infantil e pelo ensino da leitura e da escrita. Esta sua preocupação pelos problemas da Educação levá-lo-á, em 1923, a desempenhar o único cargo político que teve – o de Ministro da Instrução Pública<sup>29</sup> –, deixando em diversas medidas legislativas por si promulgadas algumas das políticas educativas defendidas no seu ideário que – quer pelo seu carácter inovador, quer pelas repercussões que tiveram a longo prazo – acabariam por constituir marcas distintivas da sua passagem por esse ministério.



**Ilustração 5** – O Chefe do Estado presidindo à sessão inaugural do 2.º Congresso da Imprensa Latina, em 14-02-1924.

António Sérgio é o segundo, sentado na tribuna de honra, a contar da esquerda, ladeado pelo Presidente da República, Teixeira Gomes (à sua esquerda) e Maurice Walleffe, secretário geral do Bureau de la Presse Latine (à sua direita).<sup>30</sup>

Lusitano, abraçando o ideário monárquico e nacionalista desse movimento, defendendo as suas ideias não só através das palavras, mas também, através do uso das armas. Foi director da revista «Nação Portuguesa», entre 1914-1916, 1.ª série, e do jornal «A Monarquia». Cf. OLIVEIRA; CHORÃO, (s.d.): 451.

<sup>29</sup> Integra o governo de Álvaro de Castro, no qual desempenha o cargo de Ministro da Instrução Pública, de 18 de dezembro de 1923 a 28 de fevereiro de 1924. Apesar da sua rápida passagem por este ministério, podemos destacar duas medidas por si promulgadas e que se destacam pelo carácter inovador: a primeira, através do Decreto n.º 9333, publicado no Diário de Governo de 29-12-1923, cria o Instituto para o Estudo do Cancro, com sede provisória no Hospital Escolar de Santa Marta, em Lisboa e que viria, mais tarde, a dar origem ao Instituto Português de Oncologia; a segunda, criando uma comissão de trabalho (*Diário de Governo*, n.º 17, de 21-01-1924, 2.ª série, p.255), encarregada de organizar a «assistência aos anormais escolares(...)» que os médicos escolares reputam de prejudiciais ao regular aproveitamento das escolas que frequentam.

<sup>30</sup> in *Ilustração Portuguesa*, 23-02-1924, n.º 940, 2.ª série, p. 233.

É evidente, nesta correspondência, a sua preocupação em tentar «educar» a sua *Luchezinha*, demonstrando um certo paternalismo, evidenciado através das mais distintas formas: através da recomendação de leituras de diferentes autores, nomeadamente dos clássicos, Shakespeare e Molière; a chamada de atenção para detalhes importantes aquando da leitura das mesmas; o envio de pensamentos de vários autores, compilados em pequenos cadernos de desenho; aconselhando sobre o melhor método de estudo – como fazer resumos, análises ou apontamentos. É notória a sua preocupação em «contagiar» Luísa com o seu gosto pelos problemas da educação, nomeadamente, alertando-a para a importância dos métodos de ensino da leitura e da escrita nos primeiros anos de escolaridade. O seu objetivo era evidente e referido nas cartas – desejava que a sua amada se instruisse e interessasse pelas coisas belas, que se transformasse na sua verdadeira companheira de vida, companheira dos seus trabalhos, dos seus projetos e das suas ideias; partilhando os mesmos gostos e aspirações<sup>31</sup>.

O seu entendimento de comunhão perfeita, para Sérgio, a união de duas almas que, entretanto, se decidem casar, não se limitava aos conhecimentos literários, linguísticos e culturais, passava também, pela forma como Luísa encarava e vivia a sua fé. Católica fervorosa, temente a Deus e visita frequente da igreja, encontrava em Sérgio um «ateu completo, mas não um *negador*; *irreligioso*, mas nunca *antirreligioso*»<sup>32</sup>. Para si, o conceito de Deus era o de uma Entidade Transformadora, «um Redentor, que sobre a matéria da primitiva e obscura criação, vai fazendo surgir a sua criação moral»<sup>33</sup>. Aconselhava, por isso, Luísa a alterar as suas rotinas de fé – cito – «vê se te tornas mais intimamente religiosa, mas cada vez mais liberta das fórmulas, das exterioridades, dos ritos, da letra»<sup>34</sup>.

Muitos dos espaços físicos referidos nesta colectânea epistolar – o ambiente militar, tanto o ambiente vivido no quartel como o ambiente experienciado em viagem<sup>35</sup>, a sua casa e a de Luísa, ambas em Lisboa e, principalmente, o Solar de Vargos, em Ourém – constituem os cenários privilegiados dos esboços iniciais do seu pensamento e das suas obras. O ambiente campestre, melancólico e romântico de Vargos, permitiram que António Sérgio, finalmente, encontrasse um refúgio e se reencontrasse consigo próprio, desse tréguas à sua luta interior que o atormentou durante a sua passagem pela Escola Naval e os primeiros anos da vida militar – permanecer nos quadros da Marinha Portuguesa e sentir-se exasperado e aprisionado a um trabalho rotineiro do qual não gostava – ele próprio desabava com Luísa numa das cartas – «maldita marinha!»<sup>36</sup> – «tenho de andar de um lado para o outro até às 2 ½, a patetar, num trabalho de giro que qualquer galego

<sup>31</sup> Cf. FRANCO, 1983: 821, carta n.º 33.

<sup>32</sup> FRANCO, 1983: 808, carta n.º 21.

<sup>33</sup> FRANCO, 1983: 872, carta n.º 68.

<sup>34</sup> FRANCO, 1983: 922, carta n.º 144.

<sup>35</sup> Numa das cartas desta colectânea há a referência a uma viagem a Macau – a carta n.º 3 – de 4-09-1095. (Cf. FRANCO, 1983: 792, carta n.º 3). Embarcou para este destino a 16 de outubro de 1904, a bordo da Canhoeira *Rio Leiria*, onde aportou a 20 de janeiro de 1905. Lá permaneceu, cumprindo a sua comissão de serviço, até ao dia 29 de novembro desse mesmo ano. Cf. *Livro Mestre*, Classe Marinha: G, p. 72.

<sup>36</sup> FRANCO, 1983: 878, carta n.º 75.

cumpriria»<sup>37</sup>; ou por outro lado, pedir a exoneração e passar a trabalhar naquilo de que realmente gostava que era escrever. Estas cartas permitem-nos percorrer e compreender estes anos de indefinição laboral, emocional e económica na vida de Sérgio. No entanto, o seu carácter introspetivo, solitário, o seu gosto pelo sossego e pela natureza acabam por contribuir para a definição do seu percurso de vida e impelem-no a concretizar os grandes sonhos da sua, ainda, pouca experiência de vida – conseguir alcançar uma situação económica sem constrangimentos, sair da Marinha e casar com Luísa.



**Ilustração 6** – O casal Sérgio de Sousa (s.d.)  
 Centro de Documentação e Informação António Sérgio

## FUNDOS DOCUMENTAIS

PT/BCM-AH – *Livro Mestre Classe Marinha*: A (1820-1877), p. 132.

PT/BCM-AH – *Livro Mestre, Classe Marinha*: G (1898-1917), p. 72.

PT/BCM-AH – *Álbum de fotografias de Oficiais*, n.º 6, p. 28, fotografia n.º 934, [s.d.].

PT/TT – *Registos Paroquiais Portugueses*, (1885), «Registo de Batizados», Freguesia de Santos-o-Velho, Lisboa, n.º 385.

PT/TT – *Registos Paroquiais Portugueses* (1747-1911), «Registo de Casamentos», Freguesia de S. Mamede, n.º 32, fls 25-26.

Centro de Documentação e Informação António Sérgio.

<sup>37</sup> FRANCO, 1983: 908, carta n.º 121.

## SITES CONSULTADOS

<http://geneall.net/pt/>

## BIBLIOGRAFIA

- CHORÃO, João Bigotte, dir. (s.d.) – *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa/S. Paulo: Edições Século XXI, vol. 20, p. 451.
- FRANCO, Matilde de Sousa et al. (1983) – *Da juventude de António Sérgio – Algumas cartas inéditas*. «Revista de História das Ideias», Instituto de História e Teoria das Ideias, Coimbra: Faculdade de Letras, p. 785-950.
- OLIVEIRA, de A. et al. CHORÃO, João Bigotte, dir. (s.d.) – *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/S. Paulo: Edições Século XXI, vol. 29, p. 598.
- RODRIGUES, Lopes; BOMPIANI, Valentino (1979) – *Dicionário Biográfico Universal de Autores, Artistas-Bompiani*. Vol. 4, p. 3215-3222, Tradução de Maria Helena Albarran Carvalho.
- VAZ, H. de Lima et al., CHORÃO, João Bigotte, dir. (s.d.) – *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa/S. Paulo: Edições Século XXI, vol. 25, p. 894.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1949) – *Inventário Artístico de Portugal* – «Distrito de Santarém», Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, vol. II, p. 140.
- LOPES, António Maria, editor, (23-02-1924) – *Segundo Congresso da Imprensa Latina*. «Ilustração Portuguesa», Lisboa, n.º 940, 2.ª série, p. 233.
- Diário de Governo*, (21-01-1924), n.º 17, de, 2.ª série, p. 255.